

 Luly Trigo 

# O reino de Lália

**S E Q U I N T E**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2018 by Luly Trigo

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E ILUSTRAÇÕES DE CAPA Brunna Mancuso

BORDADO USADO NA CAPA Andréa Orue

PREPARAÇÃO Lúgia Azevedo

REVISÃO Marina Nogueira e Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Trigo, Luly

O reino de Zália / Luly Trigo. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

ISBN 978-85-5534-073-4

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

18-19183

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.





Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

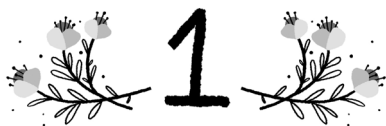
 /editoraseguinte  
 @editoraseguinte  
 Editora Seguinte  
 editoraseguinteoficial

*Ao meu pai, que nada tem a ver com o pai de Zália,  
mas com quem, como ela, tive uma relação turbulenta  
durante muito tempo.*

*Hoje, depois de trinta anos de altos e baixos,  
experiências ruins e maravilhosas, obstáculos vencidos e desviados,  
posso dizer que, além de perceber que ele é o pai perfeito pra mim,  
ganhei também um grande amigo.*







O CÉU ESTÁ TÃO AZUL QUE SINTO UMA VONTADE LOUCA de tirar uma foto. O vento entra na sala devagar, refrescando o fim da manhã calorenta. Depois das chuvas de outubro, novembro chegou trazendo o ar quente do verão que se aproxima.

O professor Goulart tagarela, corrigindo a parte que lhe cabe do CAES, o Concurso de Acesso ao Ensino Superior, que todos fizemos no meio do mês passado. A turma o observa atenta, preocupada com as notas, já que depende delas para ingressar nas faculdades de Galdino. Eu, no entanto, tenho entrada garantida em qualquer uma, coisa de que não me orgulho. Não gosto de ter vantagem porque nasci em berço real. Fico até constrangida. Isso me distancia ainda mais dos meus colegas e faz com que duvidem da minha capacidade, por isso sempre me dediquei aos estudos. Se sei que me dei bem no CAES, é porque me esforcei em dobro. Despreocupada com a nota, finjo prestar atenção enquanto admiro os milhares de árvores subindo a montanha no fim do terreno do internato, pensando em todas as fotos que já tirei ali.

Se tem uma coisa de que todo mundo se orgulha no arquipélago de Galdino, além das praias, claro, é nossa extensa floresta. Estamos

entre os dez países com a maior concentração de mata intocada do mundo.

Não percebo quando o sinal toca e só saio do transe quando Julia puxa minha orelha.

— Será que você pode voltar para o planeta Terra? Estou com fome!

Levanto ainda sonhando com o sol que bate nas árvores e dou de cara com ela, a Bianca e o Gil me olhando com desaprovação.

— Como você consegue viajar tanto? — pergunta Bianca, rindo.

— É aula de história, não é? — zombo, me fazendo de inocente.

— Achei que o objetivo era esse.

Bianca me ignora e enrosca o braço no meu.

— Planeta Terra chamando Zália, planeta Terra chamando Zália

— diz Bianca, deitando a cabeça no meu ombro enquanto saímos da sala.

Andamos grudadas pelo corredor do terceiro andar, enquanto os alunos nos dão passagem e nos cumprimentam. O tempo pode passar, mas eu não me acostumo com a maneira como sou tratada e os olhares curiosos que me seguem cem por cento do tempo. Não importa há quantos anos estudo aqui ou quão familiarizados estejam comigo: o bochicho sempre toma conta, até porque todo dia tem alguma notícia sobre minha família no jornal. Principalmente nas últimas semanas, quando veio à tona uma série de escândalos envolvendo algumas prefeituras de Galdino, que desviaram dinheiro público.

Tento ignorar os olhares, viajando novamente para longe dali, me imaginando nas praias de Corais, a ilha mais distante do arquipélago — e possivelmente a mais bonita —, onde vou estar em

menos de duas semanas, aproveitando o último feriado antes das provas finais. Mal posso acreditar que minha mãe conseguiu convencer meu pai a me deixar viajar sozinha. Serão poucos dias, mas vou poder curtir um pouco de sol longe de casa, recuperar meu bronze depois de meses enfiada no internato, e vou ter poucas tarefas a cumprir em nome da família. Como ninguém da Coroa visita essas praias há anos, vou fazer meu primeiro discurso representando meu pai e visitar algumas instituições públicas para escrever um relatório. O fim de semana vai ser livre para eu relaxar — e tirar muitas fotos naquele lugar incrível.

Desde pequena tenho uma paixão por fotografia. Minha mãe me colocou em diversos cursos, que cobriam desde conceitos básicos sobre equipamento até os melhores enquadramentos para tornar as fotos mais expressivas. Isso só me fez ficar ainda mais encantada pelo tema. Desde os onze ela me dá uma câmera de presente de aniversário, de modo que tenho sete, entre digitais e analógicas, novas e antigas. E meu plano é levar todas para Corais.

— Zália, por onde você anda? — pergunta Gil.

— Corais... — suspiro.

— Ainda não acredito que você não chamou a gente pra ir junto — diz ele.

— Não chamou *vocês* — corrige Julia, deixando os outros dois enciumados.

— Não entendo essa sua preferência. Sou uma companhia muito melhor — brinca ele, fazendo a gente rir.

— Você detestaria a parte dos compromissos, Gil — falo, pensando em todas as vezes que tive que fazer social com os



convidados do meu pai em bailes, chás e inaugurações durante as férias do internato.

Inspiro, já cansada só de imaginar.

*Qualquer pessoa detestaria a parte dos compromissos*, penso, arrasada.

— Você podia pelo menos convidar a gente pra conhecer sua casa — reclama Gil.

Nas poucas horas vagas que passo no palácio, sempre aproveito para passear pelos jardins e bosques, me escondendo de todos, fugindo das regras, dos olhares e da atenção especial, desejando ser apenas mais uma.

— Juro que vou convidar um dia — falo, esperançosa.

Meus pedidos para mexer na agenda e adicionar compromissos mais pessoais já foram negados tantas vezes que desisti de tentar. Meu pai é sempre tão rigoroso e é tão desgastante ouvir seu “não” que prefiro não me indispor com ele e passar nossos poucos momentos juntos de forma prazerosa. Ainda mais depois do AVC. Agora tenho ainda mais receio de incomodá-lo, já que está tão sensível. O acidente não tirou só seus movimentos do lado esquerdo, mas também sua liberdade e, principalmente, seu poder.

Saímos do prédio principal e seguimos em direção à Vila dos Professores. Em geral o destino dos alunos é o refeitório, mas é quarta-feira, dia de prego galdinense, que d. Francisca, vó da Julia, faz com perfeição, então seguimos para a casa dela.

Durante o ano escolar, Julia mora comigo e com Bianca no dormitório feminino, mas nas férias se muda para a Vila dos Professores, onde vivem seus pais e sua avó materna. Costumamos

ir para a casa dela durante o ano letivo quando queremos mais privacidade.

O prédio principal do internato segue a arquitetura antiga de Galdino, com sua fachada imponente, paredes curvadas cheias de colunas decoradas com lunares, flor que é símbolo do país, e grandes janelas iluminando o interior. O pátio interno conta com um jardim cercado de arcos perfeitamente harmônicos e balaústres.

Apesar do estilo clássico do prédio principal, construções mais modernas foram adicionadas ao terreno no decorrer dos anos, como o prédio administrativo, a quadra, a academia e as piscinas. Já a Vila dos Professores, apesar de nova, segue o estilo das moradias tradicionais de Galdino: pequenas casas brancas de telhados azuis. Elas são divididas em apartamentos, para que possam acomodar todos os professores do internato. Como a mãe de Julia é professora, o pai é zelador e a avó é ex-funcionária, a família tem uma casa inteira só para si, no fim da rua.

A vila fica no limite do internato, perto das montanhas, cercada por uma enorme grade, para impedir que os alunos entrem e façam gracinha nas casas dos professores. No portão de entrada há uma inscrição com letras enormes: CASA DA SABEDORIA.

Ao chegarmos ao número vinte, somos recebidos por Martim, o cachorro de Julia, que vem todo serelepe, abanando o rabo. Todos fazem festa com ele, e eu sou a mais apegada, colocando-o no colo e o levando conosco. Tenho um carinho enorme por ele. Sempre que o pego no colo me dá uma vontade louca de ter um cachorro também. Tentei muito quando criança, mas minha mãe inventava todo tipo de desculpa. Quando entrei no internato, há dez anos, desisti de vez, porque não teria tempo de cuidar.

Vamos todos para a cozinha, onde d. Francisca briga com a televisão, revoltada com o interlocutor que fala sobre a investigação iniciada pelo príncipe Victor, que prendeu três prefeitos e tem na mira outros dois. Enquanto o jornalista elogia a atitude dele e analisa seus próximos passos, Victor aparece pilotando um dos novos caças da Aeronáutica.

— Quanta asneira. Combatendo a corrupção? Só está se livrando de quem acha inconveniente, de quem causa problemas a ele! Por que não investiga os governadores indicados pelo pai? Ou então se entrega para a polícia? Melhor ainda: por que não mete o avião no mar e desaparece?

— Vó — chama Julia, e d. Francisca se vira, assustada.

— Ah... Desculpe, Zália! — ela diz, olhando para mim muito envergonhada. — Você sabe que às vezes me excedo. — Ela baixa o olhar e volta para o balcão para cortar tomates.

Estaria mentindo se dissesse que não ligo quando ouço alguém falar mal da minha família, ainda mais com tanto ódio, mas estou acostumada com os comentários da d. Francisca. Como sempre, ignoro, e brinco com Martim para mostrar tranquilidade.

— Tudo bem, d. Chica — digo.

Ela sorri para mim, sem graça.

— Vocês podem arrumar a mesa, queridos? — pede.

Concordamos e Julia vai até o armário pegar a louça. Solto Martim, que não sai do meu pé. Enquanto d. Francisca coloca a comida nas travessas, arrumamos a mesa em silêncio. Não quero causar uma cena, mas o constrangimento é inevitável.

A professora Mariah, mãe da Julia, chega assim que sentamos.

Sentindo o clima estranho no ar, ela lança um olhar para Julia, e as duas se comunicam sem palavras em poucos segundos. Antes que eu possa protestar, Mariah marcha até a televisão, onde o repórter comenta a graciosidade dos loopings que Victor faz no ar, e a desliga.

— Sinto muito, Zália. — diz ela.

— Bobagem, tia Mariah. Já disse que não me importo — respondo.

— Mesmo assim. — Ela lança um olhar para d. Francisca, que revira os olhos e traz as travessas para a mesa.

— Zália sabe muito bem que meu problema não é com ela. Não é, querida? — D. Francisca vem até mim e me dá um beijo no rosto. — Não sei por que ela ainda não é rainha. É uma menina correta, justa, não ficaria enganando o povo como seu pai e seu irmão fazem, faria o que é certo. Além disso, é muito mais acessível que os dois.

Me encolho, constrangida com o discurso.

— Zália é mais acessível porque estuda com a Julia, mãe! Está sempre com a gente. Mas é tão reservada quanto eles.

— Tenho certeza de que não seria se fosse rainha. — D. Chica sorri para mim. — Zália tem carinho pelas pessoas, tenho certeza de que ia se aproximar do povo, escutar o que todos estão dizendo, em vez de fingir combater a corrupção enquanto compra delegados e juízes. Não sei quem acham que estão enganando com esse show todo. Por que cassam só aqueles que foram eleitos por voto popular? Por que nenhum representante da Coroa foi preso? Queria só ver se a delegada Lara estivesse tomando conta do caso. Nem ela nem Zália deixariam essa poeira ser varrida para debaixo do tapete.

D. Chica fala de mim como se eu não estivesse sentada ali.

— Chega, mãe! Não quero essa conversa no almoço. Já disse milhares de vezes para deixar Zália de fora dos seus protestos. E para com essa história de rainha, ela já disse várias vezes que nunca quis governar.

*Não mesmo*, penso. Agradeço constantemente por ter sido a segunda filha, apesar de me sentir um pouco excluída da família por conta disso.

Como não sou herdeira, minha mãe achou que seria melhor estudar longe de casa, mas ninguém perguntou a minha opinião. Apesar de amar meus amigos, sinto falta da minha família. Depois de todos esses anos de convivência, sou mais próxima da família de Julia do que da minha própria.

Porém, a saudade de casa não tem nada a ver com querer sentar no trono. Ver meu pai sempre estressado, mesmo depois do derrame, trabalhando sem parar, completamente ausente, me deixa muito infeliz. Que graça tem ser rei se não se pode aproveitar as coisas mais importantes da vida? Não consigo nem calcular o peso da coroa. Meu irmão Victor não teve infância, adolescência, nada. Minha mãe me esconde dos holofotes, mas Victor é jogado sob eles. Todos querem saber do príncipe herdeiro. Ele cresceu e foi educado no palácio, aprendendo desde pequeno a governar o país. Se já fico mal por ter que comparecer a alguns eventos nas férias, imagine como é para ele.

Me pego me sentindo mal por Victor e culpada por reclamar tanto da vida restrita que levo, mas o assunto logo muda e o pessoal consegue me distrair com as provas finais, os planos para as férias, o Natal e o Ano-Novo...

— Acho que vamos para Sardinha — diz Mariah, sobre a cidade praiana mais perto de Galdinópolis. — Vai ser bom pegar uma praia em janeiro.

— E por que não vamos antes? — protesta Julia.

— Até parece que você não sabe que eu trabalho até a semana anterior ao Natal.

— Ah, reprova todo mundo — brinca Julia. — Ou vamos no Natal — ela sugere, esperançosa.

— Tá maluca? Tem ideia do preço das coisas lá nessa época? — protesta d. Chica. — Não sei nem de onde sua mãe vai tirar dinheiro para ir em janeiro.

— Mãe! — repreende Mariah. — Sempre damos um jeito. Tem várias pousadas mais em conta, e não precisamos ficar em Sardinha, podemos ir para uma das cidadezinhas próximas — completa ela, sem graça.

— Acho que vamos para Telônia — diz Bianca, animada. — Meu pai está doido para descobrir mais sobre a história da família. Ele está fazendo nossa árvore genealógica. Pelos registros, um antepassado nosso veio para cá no mesmo navio que o seu, sei lá quantas gerações atrás.

Ela se refere ao meu ancestral que veio fugido da Telônia, um dos principais países do Velho Continente, e conquistou a ilha dos bastinos, o povo que descobriu nosso arquipélago e colonizou os nativos que moravam aqui.

Todas viramos para Gil para saber sobre suas férias, mas ele só dá de ombros, muito sem jeito.

— Provavelmente vou para um acampamento. Meu pai vai ficar

me mandando de um lugar para o outro, para que eu nunca mais volte para casa — ele diz, desviando o olhar. Os pais de Gil não reagiram nada bem quando ele contou que é gay, e agora ele não se sente mais bem-vindo lá. Tentamos consolá-lo, dizendo que Gil não deve perder totalmente as esperanças.

Um assunto puxa o outro até que nos damos conta de que estamos atrasados para a aula da tarde.

— Vamos, vamos! — diz a professora Mariah, tirando os pratos da mesa. — Não é porque vocês já fizeram o CAES que vão começar a matar aula, né? Temos novembro inteiro pela frente ainda.

— Não sei pra quê. Já passamos de ano — resmunga Bianca enquanto levantamos.

Antes que a gente possa ajudar a tirar a mesa, a porta da frente se abre. Olhamos uns para os outros, estranhando quando Paolo, pai da Julia, entra na cozinha seguido dos oficiais que fazem a minha segurança. Perco o ar. Tem alguma coisa errada. Durante o ano letivo, vejo pouquíssimas vezes a guarda real. Ela fica postada em uma casa ao lado do internato e não interage muito comigo até que eu volte para casa. Nunca precisei acioná-la. Mas aqui estão eles, no meio da semana, na casa da Julia, com o olhar preocupado.

Patrick, o chefe de segurança, se adianta:

— Vossa alteza. — Ele faz uma reverência. — Precisamos tirá-la daqui. É uma emergência.

Meu coração para. Quero saber o que é, mas conheço o protocolo, então sigo os seguranças. Sou cercada por todos os lados, de modo que não consigo ver para onde estamos indo, o que só me deixa mais assustada. Eles bloqueiam qualquer tipo de contato

comigo. Enquanto andamos, tento reconhecer o ambiente, e percebo quando entramos no prédio da administração. Depois de descer três lances de escada, concluo para onde estão me levando. Conforme adentramos o corredor subterrâneo, os guardas vão se afastando, até que Patrick abre uma portinhola para uma salinha cinzenta, de teto baixo e aspecto sombrio. Eu sabia da existência desse tipo de sala, mas nunca estive em uma. É um bunker real, ou “sala de emergência”, como meu pai gosta de chamar.

Entro já me sentindo claustrofóbica, pelo ambiente e pela falta de informação. Jaime, meu assessor, me aguarda lá dentro.

— Jaime, por favor — peço, ansiosa, quando Patrick fecha a porta atrás da gente. — É o meu pai?

— O rei está bem, alteza. É o seu irmão... — ele explica.

— Victor? — O susto faz com que o ar escape dos meus pulmões. Fico tonta e me seguro no encosto de uma cadeira.

— O caça dele sofreu um acidente.

— Acidente? — repito, incrédula, rezando para que nada tenha acontecido ao meu irmão. — Victor é o melhor piloto que já vi. Como pode ter sofrido um acidente?

Repito isso mentalmente, tentando me acalmar.

— Houve uma pequena explosão dentro do avião, que perdeu o controle e caiu em alto-mar. Acreditamos que... — Ele hesita.

— Jaime — eu o censuro. Por mais que tentem me manter longe das notícias e fofocas, elas sempre chegam até mim. Victor se tornou regente depois do AVC do meu pai, e agora está prestes a assinar uma emenda bastante impopular. Ela mudará a Lei da Aposentadoria, aumentando o número de anos que o povo terá de



trabalhar antes de receber o benefício. A revolta é geral. Há protestos em todas as grandes cidades, liderados pela Resistência, o principal grupo da oposição. Me sinto enjoada. — Não foi acidente, foi?

Jaime e Patrick se encaram, surpresos. Meu coração pula no peito. Apesar de ter ficado chateada antes, agradeço d. Chica por me manter sempre informada. Se não fosse por suas críticas constantes à Coroa, eu não saberia metade do que sei. Ela desejou a queda daquele avião, como muitas outras pessoas devem ter desejado. Talvez alguém tenha ido mais além... Olho para eles, atordoada.

— Eu não estaria em um bunker se não houvesse suspeita de um atentado — concludo em voz alta, e Patrick abaixa a cabeça. — Onde ele está? — pergunto.

Eles me olham em silêncio, pesarosos.

— Jaime?! — pressiono. Victor é treinado para todo tipo de situação, certamente estava preparado.

— O príncipe ainda não foi encontrado.

Minhas pernas cedem. Caio sentada na cadeira atrás de mim, em choque.

— Alteza, voltaremos assim que possível, mas preciso que fique aqui dentro até termos certeza de que está segura.

Eles saem da sala, me deixando ali sozinha, perdida entre os milhões de pensamentos horríveis que invadem a minha cabeça.

Meu pai nos ensinou a vida inteira que não podemos demonstrar fraqueza, e eu levo isso tão a sério que muitas vezes me sinto sem coração. Não lembro de ter chorado desde que entrei no internato, e agora certamente não será a primeira vez. Apesar da preocupação e do medo, não cedo. Não tenho certeza do que aconteceu,

e chorar seria como perder as esperanças de que Victor esteja vivo. Foco nos pensamentos positivos. Preciso que ele esteja bem, não estou pronta para perder meu irmão.

Não sei o que é pior, ficar presa nesta sala fechada, sem ter para onde ir, ou ficar sozinha comigo mesma, sem ninguém para me tranquilizar. Jaime e Patrick voltam quase uma hora depois. Eles mantêm o ar sério, o que me faz pensar no pior. Levo as mãos ao rosto, querendo dormir e nunca mais acordar.

— Vamos levá-la ao palácio, alteza — diz Jaime.

Levanto de um salto, ansiosa para sair dali.

— E Victor?

— Ainda não temos notícias.

Respiro fundo e os sigo pelo túnel subterrâneo que leva até o estacionamento. Mesmo debaixo da terra, sou escoltada por um número enorme de seguranças. Eu nem sabia que existia aquele tanto de gente na equipe de Patrick.

Entro em um dos carros blindados e sento no meio, protegida por dois seguranças. O carro parte na mesma hora, seguido de pelo menos mais cinco. Ao avançar pelo portão, a polícia rodoviária se junta a nós, parando o trânsito para passarmos.

A estrada está tranquila e nossa comitiva passa quase despercebida até chegarmos à capital, três horas depois. Galdinópolis está encantadora como sempre, com seus prédios baixinhos e antigos, todos em tons de branco e cinza-claro, com telhados azuis. Ao longe, as enormes favelas, pintadas das mesmas cores, se destacam

nas encostas das montanhas. Apesar das cores claras, a cidade parece mais sombria do que nunca. Ela, que normalmente é tão barulhenta, está silenciosa.

*Será que estou tão em choque que não escuto mais nada?*

Minha dúvida é respondida quase imediatamente. Vejo um mar de gente pela janela, acompanhando os carros passando, todos com a mão direita no peito. Meu coração se aperta com o carinho e a preocupação que demonstram.

Estalo todos os dedos, pensando na saúde do meu pai. Ele não merece passar por isso.

Só percebo que estamos chegando em casa quando atravessamos a ponte do rio Canário, que separa a cidade das Terras Reais. Logo passamos pelos portões e avisto não só o palácio como a serra de Capoã logo atrás. Os carros seguem até a entrada norte, na parte de trás do palácio, onde há mais gente que o normal. Além dos guardas reais, o Exército está espalhado pela área externa até onde a vista alcança.

Entro no saguão e apenas Patrick me acompanha até o terceiro andar, onde ficam os aposentos dos meus pais. Ele bate na enorme porta e a abre para que eu entre.

Sempre que volto para casa, encontro os aposentos deles diferentes. Minha mãe adora uma reforma e, ao contrário do restante do palácio, o cantinho dos dois é ao mesmo tempo tradicional e moderno. A sala e a cozinha são integradas, com uma grande bancada no meio. Apesar de quase nunca cozinharemos, gostamos de ter uma cozinha disponível para receber algum chef famoso, fazer um lanche rápido a sós ou atacar a geladeira cheia de guloseimas na

calada da noite. Os móveis rústicos da sala se contrapõem aos utensílios industriais e metálicos da cozinha, de forma que tudo parece tirado de uma revista de decoração.

O lugar está vazio, e a meia-luz do fim de tarde confere um tom sombrio ao ambiente, como um mau presságio.

— Vossa alteza — diz Suelen, dama de companhia da minha mãe, que vem ao meu encontro para um abraço. Ela acompanha minha mãe desde que me entendo por gente e, junto com Rosa, que hoje é minha camareira, ajudou na nossa criação. Eu a abraço sem formalidades e vejo que minha mãe está sentada numa poltrona no quarto ao lado, toda encolhida. Meu pai deve estar trancafiado no escritório, porque consigo distinguir vozes vindo lá de dentro, apesar de não entender nada.

— Eles estão em reunião. O palácio todo está desesperado — diz Suelen, como se lesse meus pensamentos.

— Alguma novidade? — pergunto, receosa, e ela me olha surpresa.

— Jaime não falou com você?

— Falou o quê?

Suelen observa minha mãe por um tempo, e então olha para mim.

— Ah, pequena Zália. — Ela abaixa a cabeça, arrasada. — Encontraram o corpo de Victor.

Perco completamente o ar. Desabo, estarrecida, em uma poltrona. Não posso acreditar.

— O que aconteceu?

— Eles estão discutindo isso agora. Seu pai está fora de si, você deve imaginar.

— Meu pai não devia ter de lidar com isso — digo, arrasada e em choque. Minha mente parece não querer processar a informação, meu corpo se desliga aos poucos. — O que se sabe?

— Apenas que houve uma explosão dentro do caça.

— Alguém fez isso. Alguém matou meu irmão. — Solto um soluço sem choro. Sei que é verdade, mas preciso que alguém confirme. Me apego à esperança de que neguem, mas Suelen baixa a cabeça, confirmando minhas suspeitas. — Quem foi?

— Ainda não sabemos, mas seu pai não vai descansar até descobrir.

Respiro fundo para juntar forças e me levantar, então atravesso a sala e entro no quarto onde minha mãe está.

— Mãe? — chamo, com o coração na boca. Ela não me olha, só balança a cabeça negativamente. — Não, não, não! — solto, me deixando abater pela primeira vez. Minha mãe vira o rosto quando me aproximo, escondendo-o de mim. Como se tivesse vergonha de mostrar sua tristeza. Tenho vontade de sair correndo e gritando. Mas minha mãe precisa de mim, mesmo que eu não saiba o que fazer, como agir, o que falar. Fico calada sem me permitir chorar. Não posso me desestabilizar. Preciso ser forte, ou quem vai cuidar dela e do meu pai?

Fico com minha mãe até ela cair no sono, então resolvo descer para o meu quarto. Estou exausta e preciso de um momento meu. Tenho que processar tudo e confrontar a verdade. Victor, meu irmão, meu único irmão, se foi.

Atravesso a sala e, antes de abrir a porta, escuto a cadeira de rodas do meu pai e o som da voz de Suelen vindo do escritório dele.

— Me chama para o que precisar, Humberto. Estou aqui para isso. — Ela aperta sua mão e força um sorriso.

— Obrigado pela ajuda — meu pai diz, sem levantar a cabeça.

Suelen se afasta dele e me dá um abraço apertado antes de sair. Quando viro, meu pai me encara, tenso, e me estende a mão boa, me chamando para perto. Obedeço na mesma hora, estendendo minha mão também.

Sento ao seu lado e quero desmoronar no conforto de sua presença, mas ao vê-lo se mantendo tão forte me esforço para fazer o mesmo. Não posso decepcioná-lo. Ficamos assim, em silêncio, por um tempo.

De repente, meu pai aperta minha mão.

— Isso não vai ficar assim — ele diz, pesaroso. — Vamos encontrar quem fez isso com seu irmão. Não se preocupe.

— *Você* é que não devia se preocupar — digo, olhando meu pai com carinho. Meu pai não é afetuoso, mas me dá um abraço. A surpresa do gesto me deixa sem reação, e ainda mais desolada. Ele não está nada bem.

Afundo o rosto em seu pescoço, querendo prolongar aquele abraço para sempre, sem saber quando será o próximo.

— Você sabe o que tudo isso significa, não sabe? — ele pergunta, devagar, articulando palavra por palavra, esperando que eu saia do seu abraço e o encare.

— O quê? — pergunto, confusa, imaginando se ele tem ideia de quem está por trás do acidente.

— Zália — meu pai começa —, agora você é minha única herdeira viva.

Sinto o peito gelar. Olhamos nos olhos um do outro.

— Um dia vai ser rainha de Galdino — ele diz, desviando o olhar.

— Não vamos falar disso agora, pai.

— Mas temos que falar — ele responde, sério.

Não tenho condições psicológicas de discutir o assunto e ele não deveria se desgastar tanto, então levanto sem sua autorização.

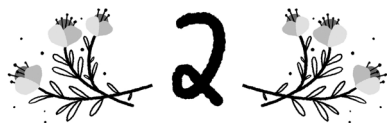
— Precisamos descansar. Amanhã conversamos.

Dou um beijo na testa dele antes de me retirar. Acho que meu pai vai gritar comigo, me mandar voltar, mas não faz nada. Fica em silêncio, sem forças para me repreender pela desobediência.

Desço os degraus devagar, seguida por Patrick, que não sai da minha cola até eu entrar nos meus aposentos.

Fecho a porta e sinto o peito pesar. Eu estava ganhando a luta contra aqueles pensamentos até meu pai trazê-los à tona. Não quero imaginar no que minha vida vai se transformar, mas é difícil evitar quando meus sonhos estão gritando “socorro” dentro de mim. Eu sabia que jamais ia me desvincular da Coroa e que sempre teria que cumprir meus deveres de princesa. Viajaria representando a família, faria aparições em eventos importantes, visitaria instituições. Ao mesmo tempo, sempre quis conhecer o mundo, viajar Galdino afora tirando fotos, talvez fazer exposições, um livro de viagem...

Me sinto egoísta por me preocupar com meu futuro quando deveria estar lamentando a morte do meu irmão. Mas os dois fatos estão tão entrelaçados que é impossível fugir. A morte de Victor é minha sentença.



ATRAVESSO OS CÔMODOS, SENTINDO UMA DOR DE cabeça terrível. Me jogo na cama sem forças. Quero chorar, mas não consigo. Soco o travesseiro, com raiva.

*Meu irmão. Como ele pode ter morrido?*

Olho para a parede, onde há milhares de retratos de família. Levanto e vou até eles. São fotos na casa da praia, comemorando o Natal e o Réveillon, na casa de campo, no jardim, em viagens. Observo todas com atenção, então reparo em uma grande diferença entre as fotografias em que Victor está só comigo e minha mãe e as em que meu pai está presente. Meu irmão parece outra pessoa com ele. A presença do rei sempre causa essa mistura de respeito e intimidação, mesmo em nós, seus filhos. Mas eu me vejo muito mais natural ao lado dele do que Victor.

*Como andava a relação dos dois? Victor foi feliz nesses anos que passei fora?*

Sento no chão, lembrando da última vez que nos falamos. Foi no aniversário dele, há dois meses, alguns dias antes de assumir como regente. Foi uma ligação rápida em que Victor fingiu estar animado com a nomeação, enquanto sua voz revelava que havia alguma coisa



errada. Insisti até ele me contar. Talvez nosso pai nunca voltasse a assumir o trono. A fisioterapia não o estava ajudando a recuperar os movimentos do lado esquerdo do corpo. Não apresentava evolução ou melhora, e desistira de voltar a andar. Victor ficou tenso ao me contar, como se não devesse tê-lo feito, e logo desligou o telefone, com a desculpa de que precisava resolver uma porção de coisas. Meu irmão nasceu para ser rei. Não só foi treinado para isso como conseguiu despertar esse desejo em si.

Reparo em uma foto nossa na casa de campo. Victor puxa meu cavalo, me levando para um passeio. Foram minhas últimas férias antes de entrar no internato. Eu tinha seis anos, quase sete, e meu irmão, nove. Depois disso nossa relação mudou para sempre. Eu passava o ano inteiro longe e só o via nas férias, em alguns feriados e nos poucos fins de semana que voltava para casa. Nossos encontros, a maioria em companhia de meu pai e oficiais do palácio, não tinham abraços ou conversas mais íntimas. Ficamos mais e mais distantes, até que mesmo nossos encontros a sós se tornaram superficiais, com conversas bobas e sem importância. Não que tivéssemos papos profundos quando crianças, mas éramos irmãos e nos divertíamos juntos.

Deito no chão, pensando em dormir ali mesmo, tamanho o meu cansaço. Só lembro que estou de barriga vazia quando escuto o tilintar do carrinho de comida entrando na sala. Levanto e corro até lá, esperando encontrar Rosa, minha camareira, mas quem está ali é um rapaz, que faz uma reverência e sai apressado.

Se tem uma coisa de que sinto falta de casa são as refeições. Felipa, a chef, só faz pratos fantásticos. É difícil não babar só com o

cheiro. Tiro o cloche, curiosa, e me emociono ao ver o prato favorito de Victor: lasanha de berinjela. Felipa cozinhou em homenagem a ele. Devoro o prato todinho e vou para o banheiro, onde me afundo na banheira cheia de água quente, tentando, sem sucesso, relaxar e esquecer tudo.

Não consigo parar de pensar em quem poderia tirar a vida de Victor de forma tão terrível. A única resposta que me vem à mente é a Resistência. Ela esteve por trás de todos os atentados contra nossa família ao longo dos anos.

Desde que nasci, o grupo só agiu uma vez, um ou dois anos antes de eu ir para o internato. Um homem-bomba conseguiu entrar no prédio do governo de Albuquerque, estado vizinho ao nosso, que meu pai visitava. Quem o salvou foi Isac, seu segurança pessoal na época, que percebeu a movimentação estranha e o tirou do prédio a tempo.

Eu era muito pequena, mas lembro da agitação no palácio. Passaram meses atrás dos responsáveis pelo ataque. Prenderam alguns envolvidos e a segurança foi reforçada.

Meu avô e meu bisavô, que viveu na época em que a Resistência surgiu, sofreram vários atentados também, mas nunca bem-sucedidos. Esse foi o primeiro. Sinto uma raiva cada vez maior no peito.

Depois do banho, procuro o celular entre as coisas que trouxeram do internato. Fiquei tão atordoada que nem tive tempo de ver as mensagens.

Me jogo na cama agarrada ao aparelho, ansiosa para conversar com meus amigos. Logo vejo que tem uma série de mensagens me esperando.

**Gil**

Zália! Acabamos de ver na tv!

Sentimos muito ☹

**Julia**

Como vc tá? Pra onde te levaram?

Tá um caos aqui

Não deixam a gente chegar perto do prédio

**Gil**

Já tentamos de tudo

Nem a diretora conseguiu

**Bianca**

Ordens do rei

**Julia**

Manda msg assim que puder

Estamos preocupados

Eles conseguem tirar um sorriso de mim. Digito rápido, na esperança de que estejam acordados.